



O PENSAMENTO DE LOUIS-JOSEPH LEBRET E SUA RELEVÂNCIA PARA A IGREJA CATÓLICA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX.

Renato Torres Anacleto Rosa¹

Mestrando (PPGHC/UFRJ)

<http://lattes.cnpq.br/7714135523361484>

Resumo: Com este artigo pretendemos trazer à luz os aspectos teóricos do pensamento de Louis-Joseph Lebreton, padre e economista belga, mostrando de que forma a Igreja Católica apropriou-se de suas teses econômicas na segunda metade do século XX. Realçamos, com efeito, o conceito de "economia humana", acepção que permeia as obras de Lebreton e que concerne numa economia voltada para o desenvolvimento humano.

Palavras-chave: Louis-Joseph Lebreton, "Economia humana", Igreja Católica, Vaticano II.

Abstract: This article we intend to bring to light the theoretical aspects of the thought of Louis-Joseph Lebreton, Belgian priest and economist, showing how the Catholic Church appropriated his economic theories in the second half of the twentieth century. We emphasize, in fact, the concept of "human economy", meaning that permeates the works of Lebreton and respect in an economy facing human development.

Keywords: Louis-Joseph Lebreton, "human economy", Catholic Church, Vatican II.

¹ Mestrando em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a orientação do Prof. Dr. André Leonardo Chevitarese. Agência Financiadora: CAPES-Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. E-mail: renato.torres13@gmail.com

Introdução.

Não raras pesquisas historiográficas versaram sobre a História da Igreja na segunda metade do século XX, à luz dos desdobramentos do Concílio Vaticano II, que abriu as portas da Igreja para a modernidade e para a reflexão sobre a realidade histórica e as desigualdades sociais do pós-Guerra. Entretanto, a historiografia eclesiástica negligenciou a importância de Louis-Joseph Lebreton para as mudanças de diretrizes da Igreja Católica em solo internacional.

Por conseguinte, a reflexão sobre os postulados econômicos e religiosos do padre Lebreton auxiliam-nos na compreensão das transformações estruturais que irromperam no seio da Igreja Católica. Dom Helder Câmara, talvez o maior símbolo da justiça social no Brasil, exerceu uma grande influência no pensamento e na prática política do Arcebispo de Olinda e Recife. Denominava-o de “mestre do desenvolvimento”. (PILETTI e PRAXEDES, 1997, P. 412).

Em nível hierárquico, é inegável sua relevância para o Concílio Vaticano II, onde a Igreja Católica “oficializou” sua aceitação de algumas premissas do padre belga, influência que resultou em sua nomeação como perito nas questões de desenvolvimento social e como redator da Constituição Pastoral “Gaudium et Spes” (Alegria e Esperança), documento conciliar que sintetizou as novas premissas adotadas pela Igreja, principalmente do seu novo relacionamento com a História e com a realidade.

Lebreton: aspectos biográficos e sua importância para Igreja Católica.

Louis-Joseph Lebreton, ou simplesmente Lebreton como ficou conhecido, nasceu em 1897, em Paris, na França. Na juventude foi oficial da Marinha Nacional, participando da Primeira Guerra Mundial, no exército do Líbano. Em 1923 deixou a marinha e ingressou na Ordem dominicana, sendo ordenado sacerdote em 1928. Além da formação teológica, estudou Economia e dedicou atenção sistemática aos problemas enfrentados pelos pescadores de sua cidade natal, quando a mecanização das atividades pesqueiras influenciou negativamente a economia local, gerando desemprego e fome para muitos trabalhadores dessa região. (BOSI, 2012: 2).

Em 1941, padre Lebreton funda o Centro de Pesquisas e Ação “Economia e Humanismo”, cuja doutrina contrariava os princípios das desigualdades econômicas trazidas a lume pela economia liberal clássica. Desde a sua juventude, quando o padre presenciara a exploração capitalista dos pescadores por parte das indústrias estrangeiras de pesca em sua cidade natal, em Saint-Malo, Lebreton via a

necessidade de promover o homem a partir de um desenvolvimento econômico simétrico, ou seja, que não tirasse recurso de um para dar a outro.

A primeira ação do grupo de Lebreton foi no pós-guerra, a partir de 1945, junto ao ministério de Reconstrução. Os pesquisadores do centro analisaram sistematicamente os efeitos dos bombardeios, nas cidades francesas mais atingidas: Merseilha, Nantes e Lyon. (BOSI, 2000, p. 6). Por conseguinte, foram analisados temas como habitação e alimentação, mostrando a precária situação concreta dessas populações locais.

Lebreton foi um dos nomes de maior realce na História da Igreja Católica na segunda metade do século XX. Seu nome ganhou projeção em virtude do alerta que deu à Igreja sobre os temas de desenvolvimento global. Teve participação importante no Concílio Vaticano II, entre 1962 e 1965, tendo sido nomeado perito, por indicação de Dom Helder Câmara², em questões de desenvolvimento social.

O Vaticano II, ocorrido no pontificado de João XXIII, foi uma das mais proeminentes reformas da História da Igreja Católica nos seus dois mil anos de História. A principal questão que norteou as muitas transformações colocadas pelo Conclave foi o tema do diálogo da Igreja com o mundo moderno:

O Concílio Vaticano II reuniu em Roma mais de dois mil bispos e centenas de teólogos de todas as partes do mundo. Eles reformaram a doutrina e as estruturas, numa tentativa de tirar o catolicismo do mal-estar em que se encontrava desde o final da Segunda Guerra Mundial, e torna-lo relevante em um mundo moderno em rápida transformação. Por sua vez, a ênfase do Concílio na justiça social e nos direitos humanos impeliu os teólogos o clero e as freiras da América Latina a se aprofundarem no trabalho com a maioria empobrecida. Significativamente, o Vaticano II enfatizou o diálogo dentro da instituição e com outras fés e filosofias. (SERBIN, 2002: 143)

No Conclave, Lebreton foi um dos redatores da Constituição "Gaudium et Spes" (1965), ou "Alegria e Esperança", principal documento conciliar e que versava sobre a função da Igreja Católica no mundo contemporâneo. Um trecho desse documento que mostra a influência de Lebreton para a o Concílio diz respeito à temática sobre "o controle do desenvolvimento econômico", na terceira parte do documento:

O desenvolvimento econômico deve permanecer sob a direção do homem; nem se deve deixar entregue só ao arbítrio de alguns

² Dom Helder Câmara foi um arcebispo católico que dirigiu a Arquidiocese de Olinda e Recife, entre 1964 e 1985, anos também do regime militar brasileiro. Seu nome ganhou notoriedade internacional à luz dos projetos de desenvolvimento humano desenvolvidos nessa região, sendo considerado um dos modelos para construção da paz e da cultura da não-violência.

poucos indivíduos ou grupos economicamente mais fortes ou só da comunidade política ou de algumas nações mais poderosas. Pelo contrário, é necessário que, em todos os níveis, tenha parte na sua direção o maior número possível de homens, ou todas as nações, se se trata de relações internacionais. De igual modo, é necessário que as iniciativas dos indivíduos e das associações livres sejam coordenadas e organizadas harmonicamente com a atividade dos poderes públicos. (VIER, 2000: 218).

A Carta prossegue:

Lembrem-se, de resto, os cidadãos, ser direito e dever seu, que o poder civil deve reconhecer, contribuir, na medida das próprias possibilidades, para o verdadeiro desenvolvimento da sua comunidade. Sobretudo nas regiões economicamente menos desenvolvidas, onde é urgente o emprego de todos os recursos disponíveis, fazem correr grave risco ao bem comum todos aqueles que conservam improdutivas as suas riquezas ou, salvo o direito pessoal de emigração, privam a própria comunidade dos meios materiais ou espirituais de que necessita. (VIER, 2000: 218).

Esses trechos supramencionados sintetizam as concepções de Louis-Lebret sobre a questão econômica, a partir do desenvolvimento dos povos, ressaltando que cabe aos grupos e associações humanas, em concordância com os poderes públicos, agirem de forma a diminuir as relações assimétricas geradoras de desigualdades socioeconômicas entre as partes do globo.

Lebret também foi redator da encíclica "Populorum Progressio", (Desenvolvimento dos povos) promulgada pelo papa Paulo VI em 1967. Similiar a "Gaudium et Spes", o documento colocava no proscênio questões como desenvolvimento humano, justiça social e solidariedade entre as nações. Assim a "Populorum Progressio" pondera sobre a questão econômica:

O desenvolvimento não se reduz a um simples crescimento econômico. Para ser autêntico, deve ser integral, quer dizer, promover todos os homens e o homem todo, como justa e vincadamente sublinhou um eminente especialista: "não aceitamos que o econômico se separe do humano; nem o desenvolvimento, das civilizações em que ele se incluiu. O que conta para nós, é o homem, cada homem, cada grupo de homens, até se chegar à humanidade inteira (www.vatican.va-holy_father-paul_vi-encyclicals-documents)

Esse documento redigido por Lebret teve uma repercussão significativa em solo latino-americano. Em 1968 ocorreu, em Medellín, Colômbia, a "Segunda Conferência Geral do Episcopado latino-americano". Surgida como uma forma de aplicar as novas diretrizes da Igreja em solo latino-americano, a "Populorum

Progressio” serviu como inspiração para os documentos lançados nessa reunião. Conforme observou Beozzo (2000), nos dezesseis documentos lançados por Medellín, o documento redigido por Lebrecht foi citado trinta e três vezes, a partir de temas como promoção humana, pobreza e desenvolvimento econômico, problemáticas ponderadas na Encíclica, como a conclusão da Carta demonstra:

As excessivas disparidades econômicas, sociais e culturais provocam, entre os povos, tensões e discórdias, e põem em perigo a paz. Como dizíamos aos Padres conciliares, no regresso da nossa viagem de paz à ONU, "a condição das populações em fase de desenvolvimento deve ser objeto da nossa consideração, ou melhor, a nossa caridade para com todos os pobres do mundo, e eles são legiões infinitas, deve tornar-se mais atenta, mais ativa e mais generosa. Combater a miséria e lutar contra a injustiça, é promover não só o bem-estar mas também o progresso humano e espiritual de todos e, portanto, o bem comum da humanidade. A paz não se reduz a uma ausência de guerra, fruto do equilíbrio sempre precário das forças. Constrói-se, dia a dia, na busca de uma ordem querida por Deus, que traz consigo uma justiça mais perfeita entre os homens. (www.vatican.va-holy_father-paul_vi-encyclicals-document)

Além da relevância de Lebrecht para o Concílio e para os desdobramentos do mesmo na América Latina, o padre belga foi inspiração para o papa João XXIII. Em suas narrativas, Lebrecht chamou a atenção que outros grupos sociais e religiosos, e não somente os cristãos, tinham a incumbência de lutar por um mundo melhor. Com efeito, no movimento “Economia e humanismo”, Lebrecht dialogava com pessoas e grupos de outras convicções religiosas, não desejando que essas pessoas partilhassem de sua fé religiosa. Assim, para se referir a esses grupos Lebrecht os nomeou de “homens de boa vontade”, como João XXII também o fez em suas encíclicas como a “Pacem in Terris” (Paz na Terra), de 1963: “A todos os homens de boa vontade incumbe a imensa tarefa de restaurar as relações de convivência humana na base da verdade, justiça, amor e liberdade: as relações das pessoas entre si, bem como o relacionamento entre comunidades políticas e com a comunidade mundial”. (www.vatican.va-holy_father-john_xxiii).

Em solo brasileiro, Lebrecht também teve grande relevância. Em 1947, o padre belga dá gênese às suas viagens ao Brasil e à América Latina. Nesse ano Lebrecht foi convidado a participar de uma palestra sobre Economia Humana no centro de Ciência Política, em São Paulo. À ocasião, relatou ao público brasileiro sobre a importância do movimento “Economia e Humanismo”, trazendo ao debate problemas como o trabalho, o bem-comum, em outros termos, de um desenvolvimento econômico voltado para as necessidades básicas do ser humano.

Durante o curso, Lebret apresentou suas impressões sobre o mundo atual, a economia liberal clássica, que, em sua opinião, agia de forma desumanizadora. Discutiu o advento do capitalismo, apontando as razões para a crise que o mundo estava vivendo, onde a inteligência humana era utilizada para beneficiar as estruturas que denigriam o ser humano. (BOSI, 2012: 5).

Nessa perspectiva, para apontar as insuficiências do sistema capitalista, Lebret debruçou-se sobre a teoria marxista, incorporando o conceito de “Mais-valia” à sua doutrina e ao pensamento social católico. Conforme observou Bosi (2012: 3) “A teoria do imperialismo de Lenin o impressionou vivamente na medida em que equacionava as assimetrias sociais das formações capitalistas em termos internacionais: nações exploradoras e nações exploradas”. Entretanto, o padre dominicano não aceitou plenamente o pensamento marxista, rejeitando o escopo político e revolucionário da tomada de poder por parte do proletariado, rejeitando, com efeito, a premissa da “luta de classes” como motor da História.

No final da década de 1950, seu pensamento exerceu influência no meio intelectual católico e universitário. Para ele, “é preciso partir para o terreno onde reside a questão social: o mundo do trabalho, as favelas, o campo” (KATHEN, 1991: 35). Dom Helder Câmara lembrava Lebret como o “mestre do desenvolvimento”, sentido entusiasmado pela ideia do movimento: uma economia voltada para o desenvolvimento dos trabalhadores. Nesse sentido, a partir da influência do pensamento da criação de comunidades de base do religioso dominicano, o Brasil foi palco da criação de inúmeros grupos sociais cristãos como a Juventude Universitária Católica-JUC, criada com o objetivo de intervir na realidade sócio-política brasileira, não com um partido próprio, mas como movimentos sociais que atuavam no campo da análise social e das questões reivindicatórias. Com efeito, Lebret deu relevo à questão da criação de comunidades locais de auto-sustentação, cujo objetivo era o de promover e desenvolver a economia e cultura desses grupos.

Lebret propõe a consolidação de comunidades de base capazes de se sustentarem mutuamente, conhecer as suas necessidades básicas e reivindicar a sua satisfação: junto às empresas (via participação nos lucros e, no limite, co-gestão) e junto ao Estado, mediante a legislação do trabalho e mecanismos distributivos da renda nacional.

Ademais, a criação das Comunidades Eclesiais de Base-CEBs em solo brasileiro é um caso modelar. Criadas na década de 1960, o método aplicado foi inspirado por Lebret. O *ver-julgar-agir* baseava-se na reflexão da comunidade sobre

os aspectos concretos de existência, à luz da leitura bíblica, e depois de uma ação de cunho político que visasse à busca de soluções para os problemas enfrentados.

A Economia humana de Lebret.

Louis-Joseph Lebret escreveu não raras obras (1975), (1960), (1959) cuja tônica ancorava-se em sua preocupação no desenvolvimento dos povos. Com efeito, o conceito de “Economia humana” permeia essas reflexões trazendo ao debate a dialética entre economia e desenvolvimento humano.

Antes de adentrar em sua concepção sobre “economia humana”, Lebret (1959:19) assevera que esse novo conceito por ele desenvolvido não é sinônimo de “economia social”. Concebendo o segundo conceito como apenas um apêndice, ou um adendo da economia política, Lebret assevera que, nessa última acepção, só existe uma preocupação intelectual e especulativa e não uma mudança dessas estruturas políticas e econômicas que impedem o aperfeiçoamento dos homens e das sociedades.

Em sua exegese, Lebret (1959) salienta que as instâncias do “social” e do “econômico” não podem ser examinadas de forma binária:

Não se trata de colar medidas sociais apenas corretivas, paliativas, numa economia que engendra por si mesma o mal humano; trata-se de preconizar e de instaurar um regime integralmente social, cujo objetivo seja a “ascensão humana universal”, isto é, todo o homem e todos os homens.

Lebret define a “economia humana” como pesquisa especulativa e prática, da passagem de uma fase menos humana para uma fase mais humana, segundo o ritmo mais rápido possível, com o custo financeiro e humano o menos elevado possível, sem esquecer a solidariedade que deve existir entre todas as populações. Lebret quer chamar atenção à premissa de que a “economia humana” é um programa teórico, um conceito, que tem como escopo a sua aplicação nas sociedades, a partir de grupos cristãos e não-cristãos.

Debruçando-se sobre os conceitos de crescimento e desenvolvimento econômico, o padre e economista belga (1975: 267) pondera sobre as contradições entre as duas acepções:

O crescimento indicado apenas pelo aumento da renda nacional pode dissimular um enriquecimento dos mais ricos e um empobrecimento dos mais pobres. Nesse caso não há desenvolvimento. Não há desenvolvimento sem aumento do nível de vida e do valor humano das camadas menos favorecidas. [...] Um desenvolvimento verdadeiro é um crescimento generalizado de

todo o humano: cada um dos homens e tudo no homem. É um fenômeno de civilização. O problema que a humanidade tem de resolver é o da sua ascensão conjunta.

Ainda conforme Lebret (1959: 263):

A civilização da economia humana será uma civilização do desenvolvimento integral harmonizado, no qual a valorização dos recursos seja promovida em função das necessidades de todas as camadas sociais, respeitando-se sua multiplicidade e diversidade. O desenvolvimento integral harmonizado é aquele que considera as necessidades de consumo e de equipamento, e assegura a produção correspondente, distinguindo necessidades atuais e futuras, prevendo a possibilidade de satisfazê-las pela produção do consumo local ou pela produção destinada às trocas.

No sentido religioso, Lebret dá relevância à religião cristã, mostrando que os ideários cristãos do amor ao próximo e da justiça social são compatíveis com suas propostas de uma economia voltada para o desenvolvimento humano.

Em sua concepção sobre a “Economia humana”, Louis-Lebret ressalta que esse programa não é um sistema universalmente aplicável. Para ele: “a economia humana apresenta os princípios e métodos de uma evolução hoje desejada, mas segundo as exigências e peculiaridades de cada país, e no interior dele, segundo as necessidades particulares”. (LEBRET, 1959: 90).

Por conseguinte, no sentido de aperfeiçoar o entendimento da “economia humana”, Lebret (1959) elenca dois postulados éticos, que, em sua análise, ganham real importância. O primeiro diz respeito ao “respeito ativo”, onde o sacerdote pondera que essa atitude não se restringe a apenas não prejudicar, mas implica numa ajuda para que o outro livremente adquira mais valor, quebrando qualquer barreira de nível de vida, camada social, casta ou raça. (LEBRET, 1959: 41) Juntamente com esse conceito, Lebret coloca em relevo a questão do “bem comum”, onde ele sublinha: “trabalhar para criar ou melhorar os equipamentos coletivos e as instituições jurídicas, de modo que cada grupo se beneficie de uma maior solidariedade construtiva, criadora de prosperidade, segurança e paz”.

“Suicídio ou sobrevivência do Ocidente” e “Manifesto por uma civilização solidária”: as obras magnas de Lebret.

Louis-Joseph Lebret escreveu inúmeras obras sobre religião, sociedade e economia. Todas elas com o escopo de trazer o debate a sua preocupação com o

desenvolvimento dos povos. Com efeito, quatro obras de Lebreton resumem essas problemáticas.

1ª. *"Suicídio ou sobrevivência do Ocidente"*. Nessa obra, Lebreton tece uma reflexão sobre a situação do mundo após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), principalmente a partir das novas condições econômicas, políticas e culturais surgidas após esse evento. Na narrativa, mais precisamente no sentido econômico, o padre belga reflete sobre alguns problemas enfrentados pela humanidade, como a crise demográfica, de produção e das relações assimétricas entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos.

Por conseguinte, para discorrer sobre essas temáticas, Lebreton ampara-se em conceitos como o da Economia e humana e do desenvolvimento dos povos, trazendo à luz suas representações desse novo período histórico e apontando direções para a solução desses problemas sociais. Uma solução importante que Lebreton trata diz respeito à necessidade da ajuda mútua entre as nações, em outras palavras, o auxílio dos países desenvolvidos aos subdesenvolvidos, em virtude dos últimos não terem aptidão para solucionar seus problemas econômicos. Nessa perspectiva, Lebreton (1975:361) conclui:

Um desenvolvimento harmonizado em escala mundial é a obra mais difícil e mais gigantesca que se pode apresentar à humanidade. Isolados, mesmo os mais lúcidos governantes não a poderão empreender com sucesso. Ser-lhes-á indispensável a colaboração de todos os povos, guiados por lúcidas forças sociais. Essas forças existiram, formar-se-iam rapidamente se os dados objetivos da conjuntura mundial e os perigos que a ameaçam fossem apresentados a todos os homens de boa vontade.

Para o estabelecimento de uma nova civilização, Lebreton (1975: 359) ressalta que esta depende de uma mudança radical caracterizada pelo "mais ser", ou seja, à luz da justa distribuição da riqueza, do haver. Para isso a humanidade não poderia conceber os bens materiais ou da moeda como "ídolos", pois, em sua opinião, o culto a esses recursos era a razão da negação do desenvolvimento da personalidade humana.

2ª. *"Manifesto por uma civilização solidária"*. O livro em pauta é complementar ao primeiro, tendo como mudanças notáveis, as respostas que Lebreton dá aos sistemas capitalista e comunista, sendo, em suma, contrário a ambos, mesmo apropriando-se de certos conceitos marxistas, como o da mais-valia.

Com relação ao sistema capitalista, o padre belga faz uma análise histórica desse sistema mostrando suas diversas etapas no desenrolar do curso histórico,

desde o capitalismo comercial, nos tempos modernos, até o capitalismo financeiro dos dias atuais. Mesmo reconhecendo o desenvolvimento técnico produzido pelo capitalismo, Lebreton não o isenta de críticas, mostrando como o sistema que não como fim último o homem.

Seus aspectos negativos devem ser apresentados ao mesmo tempo que os positivos. Uma de suas notas essenciais é a incapacidade de orientar os investimentos em função da importância e da urgência das necessidades. Seus cálculos econômicos, feitos a partir de previsões aleatórias, provocam enormes desperdícios de pesquisa e de equipamentos.. A necessidade de vender leva-o a falsear a escala de necessidades e valores. Seu interesse só é despertado pela necessidade que lhe dê lucro, ainda que seja falsa ou ilusória. (LEBRETON, 1959 :32).

No tocante ao comunismo, Lebreton também não o isenta de críticas. Representando-o como um sistema explicativo da realidade, Lebreton tece críticas a esse sistema por apresentar uma concepção do homem avessa aos aspectos individual do mesmo. Contrariamente a essa premissa, o padre belga coloca em relevo a questão das faculdades inerentes ao ser individual, mostrando, por conseguinte, que, como doutrina, o comunismo gera sua própria contradição, pois sua moral baseia-se em algo pragmático e que anula as “subjetividades” do ser humano.

Por fim, outro ponto de destaque diz respeito à relevância dada à questão religiosa, mais precisamente à Igreja Cristã. O padre e economista belga sublinha que os valores morais da Economia humana estão integralmente em consonância com as suas premissas de um desenvolvimento econômico voltado para *todos* os homens e *todo* o homem.

Considerações finais.

As linhas descritas no decorrer deste artigo mostram que a reflexão das premissas econômicas de Lebreton, à luz de sua “economia humana”, foram de suma relevância para as mudanças irrompidas no seio da Igreja Católica, a partir do Concílio Vaticano II.

Com efeito, versar sobre esse período da História da Igreja implica a menção a Lebreton. Articulando sua formação em Economia e Teologia, o padre belga soube articular de forma profícua a relação entre essas duas áreas do conhecimento, causando uma ruptura na forma de entendimento dessas duas áreas do conhecimento. Por fim, mostrando a relevância do economista para a justiça

social, merece destaque a poesia de Dom Helder Câmara sobre essa nova forma de pensar a economia e a vida:

Lebret, meu Almirante,
quais as grandes surpresas
que o desembarque te trouxe?
Foste condecorado
pelo próprio cristo pela invenção maravilhosa de
"Economia e humanismo".
Em lugar de negar o econômico,
de combater-lo,
o reduziste ou o elevaste
à medida humana. (PILETTI e PRAXEDES, 1997: 409)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

BOSI, Alfredo. *Economia e Humanismo*. Estudos avançados. Vol.26 no.75 São Paulo May/Aug. 2012.

LEBRET, Louis-Joseph. *Suicídio ou Sobrevivência do Ocidente?* São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975.

_____. *O Drama do século XX: Miséria, subdesenvolvimento, inconsciência e esperança*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1960.

_____. *Manifesto por uma civilização solidária*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1959. PACEM IN TERRIS. Encíclica papal. 1963. Disponível em: www.vatican.va/holy.../hf_j-xxiii_enc_11041963_pacem_po.htm

PILETTI, Nelson e PRAXEDES, Walter. *Dom Helder Câmara: entre o poder e a profecia*. São Paulo: Ática, 1997.

POPOLUROM PROGRESSIO. Encíclica papal. 1967. Disponível em: www.vatican.va/holy.../hf_p-vi_enc_26031967_populorum_po.htm

SERBIN, Kenneth P. *Diálogos na Sombra: Bispos e Militares, Tortura e Justiça social na Ditadura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

TEN, Nelmo Roque Kathen. *Uma vida para os pobres: espiritualidade de Dom Helder Câmara*. São Paulo: Loyola, 1991.

VIER, Frei Frederico (Org.). *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.